

Ronaldo 55

A PAINEIRA

(Reg. nº 1.447 no Cartório de Títulos e Documentos desta Comarca)

Diretora: Flora Mangueira _____ Secretária: Avany C. Santos
Redatora: Nice de Araujo _____ Tesoureira: M. Cristina Machado

Ano III _____ E. S. C. D., 3 de abril de 1960 _____ N.º 30

Extensão no currículo da E.S.C.D.

Com o correr dos anos, a Extensão torna-se a esperança máxima do meio rural brasileiro.

Sòmente em 1956 — ano áureo da Extensão no Brasil — foram organizados: no Espírito Santo — a ACARES, em Santa Catarina — a ACASESC, no Paraná — o Projeto 15, em São Paulo — o Projeto 4 que, em integração aos velhos — ACAR, AN CAR, ASCAR, e à chamada nova geração ACARRJ, ACARGO, constituem o plantel do trabalho de Extensão.

A ministração de novos conhecimentos, atitudes e habilidades é o trabalho de uma equipe de moços idealistas, na sua grande maioria.

Desde o pai, a mãe até aos filhos a educação penetra e se estende, fazendo-os sentir a necessidade de saber, agir e querer.

Mudanças são conseguidas no comportamento humano. Problemas graves, como a má alimentação, habitação deficiente, agricultura tacanha, são atacados pela equipe, que executa um programa pré-estudado e estabelecido.

Quais as mudanças desejáveis? Como conseguir que o povo as faça? Como ensinar? Tudo isso é obtido através do ensinamento precedido por uma motivação básica.

A equipe vai para o campo carregada de conhecimentos e ali os deixa.

A obtenção de novas experiências, o reconhecimento e a segurança são conquistas realizáveis.

Há pouco tempo, nós as alunas

da ESCD, entramos em contacto com a Extensão, contacto êsse, por conta própria, uma vez que o curso é facultativo. Algumas horas roubadas à folga de sabado, são retribuídas pelo conhecimento teórico e prático, que constituirá a base para execução de um plano de Extensão.

Terão as turmas que nos sucederão a mesma oportunidade que estamos tendo?

Pensando nisto, lembramos de quanto seria interessante a inclusão desta matéria no currículo da ESCD, considerando sua grande utilidade não só para aquelas moças que pretendem fazer da Extensão sua carreira, como para aquelas que se dedicarão ao Magistério ou ao lar.

Relações humanas, anseios naturais dos grupos sociais, são problemas estudados pela Extensão e não serão também os encontrados no Magistério ou na vida do lar?

ligiêro.

Ideal

Ouvimos hoje, com frequência, os adultos referirem-se à juventude transviada, à falta de responsabilidade e de formação dos jovens.

Nós, que somos jovens, não podemos estar alheios a esta crise que atravessamos e precisamos saber qual a causa desta irresponsabilidade reinante no mundo atual.

Perguntemo-nos: qual o meu

papel neste mundo? Que farei para que as gerações futuras não sofram os angustiantes problemas porque passamos atualmente?

Parece-nos que a resposta está em nós, e há necessidade que tenhamos uma hierarquia de valores superior à reinante em nossa sociedade, onde o materialismo impera, onde o individuo é superior à pessoa.

E' preciso impregnar os nossos atos de um Ideal e a obtenção deste Ideal não é fornecido pela ciência. Sòmente uma doutrina religiosa, que transcenda a relatividade da existência e a precaridade dos valores humanos poderá nos fornecer um Ideal capaz de dar um sentido superior a nossa vida. Não é suficiente iluminar a inteligência. E' preciso fornecer à vontade estímulos enérgicos e motivos poderosos.

E, nós, jovens universitários, não podemos passar pela Escola, sem vivê-la intensamente, pois não aprendemos para a Escola, mas para a vida. Aqui nos formaremos intelectual, social e moralmente e, se escolhermos esta profissão, de Economistas Domésticas, devemos estar bem certas de que o nosso dever é sublime.

A nós compete melhorar as condições de vida das famílias, elevando, assim, o nível do povo brasileiro. Levar ao mundo de amanhã o que aprendemos aqui na ESCD, impregnadas de um Ideal superior que arrote e renegue os obstáculos que a cada momento se erguem contra o aperfeiçoamento moral de nossa sociedade.

Almate.

Leia e assiné
« A PAINEIRA »

Coisas da vida

Chuva. Muita chuva. Estrada ruim. Lama.

Realmente a viagem não poderia ter sido pior. A distância parecia aumentar à medida que as horas passavam, que o cansaço chegava. Parecia-lhe que não chegaria ao destino.

Além de tudo, o vestibular a enfrentar o atormentava. A sua cidade a distanciar-se cada vez mais. Pela frente, somente o desconhecido.

Quase dormiu, mas um forte solavanco o despertou bruscamente.

Ponto final. Senhores passageiros, queiram verificar sua bagagem.

Malas escorregam de cima do ônibus. Algumas molharam bastante. Cada um pega a sua.

Ele olha em derredor. Está atordoado. Suas pernas doem. Sente fome. Está molhado. Precisou ajudar quando, por duas vezes, o ônibus ficou preso na lama. Que fazer?

Pensamentos estranhos o assaltam. Se a chuva continuasse ele não poderia sair daqui por muito tempo. E se não passasse no vestibular? Nunca deveria ter deixado sua cidade, sua família. Por que procurou um lugar tão distante? Tão difícil?

Houvesse uma condução, voltaria no mesmo instante.

Mas... voltar? Abandonar tudo seria uma derrota e ele não queria que o considerassem frassado.

A chuva continuava a cair. Não poderia ficar ali, parado.

Procurar um hotel era a solução imediata.

Todos ocupados. Indicam-lhe uma república, onde estão alojados outros rapazes, que também vieram prestar exames.

Dirige-se para lá. O lugar é distante. Sua má disposição leva-o a considerar as coisas piores do que realmente o são.

Deita. Dorme um sono repouante.

Um novo dia. Novas experiências.

A Escola. A inscrição. O número elevado de candidatos. Muito movimento.

Esqueceu-se completamente do dia anterior, da viagem. Seguiu. Marchou.

O temido, mas ansiosamente esperado vestibular chegou.

A aprovação. O trote. As aulas. Os colegas. Novas amizades.

Agora tudo é diferente. Sua escolha foi realmente a mais acertada. Faz planos. Antevê, com alegria, o decorrer do curso e a época em que porá em prática os conhecimentos que está adquirindo.

As chuvas cessaram. As estradas estão transitáveis. Mas ele já não pensa em voltar. Tem certeza que encontrou o lugar exato onde deverá permanecer por quatro anos.

CLUBE DE ORATÓRIA

Torna-se concreto o plano de, além de palestras e poesias, serem trazidos, para as reuniões do "C. O.", temas para debate.

Desta forma, encontram-se valores, desenvolvem-se capacidades na arte de usar a linguagem falada em nosso meio.

Necessária se faz a colaboração de todos os colegas, uns trazendo seu conhecimento e experiência, outros o desejo de aproveitar a oportunidade de desenvolver ou adquirir uma das grandes necessidades que encontramos em nossas vidas profissionais — a arte do uso da palavra.

BURGUESIA

Os Departamentos Culturais do DAAB e CAS, apresentarão, no próximo dia 10 de abril, na palavra do Dr. Edgard Godói Mata Machado, uma conferência sobre Espírito Burguês, assunto bastante discutido nas mais variadas esferas sociais.

Prestígio, com a sua presença, mais esta atividade destes Departamentos.

Brasil -- País dos contrastes

Um rápido volver de olhos para nossa História confirmará esta afirmativa tantas e tantas vezes repetida e o Brasil está vivendo um dos momentos mais impressionantes desta verdade.

Enquanto o País se mobiliza para mais uma tentativa de solução do angustiante problema das sêcas do Nordeste, enquanto barragens, diques, açudes estão sendo construídos, enquanto recursos são enviados para aquela região, um fenômeno diametralmente oposto faz vítimas entre as constantes vítimas nordestinas.

O céu sempre azul, nubla-se de repente. As nuvens tão raras, quando a esperança já havia diminuído, pois as chuvas promissoras são as de novembro, aparecem. A brisa prenunciadora de chuva começa a soprar. O nordestino sorri. A chuva cai. A alegria transforma-se em pânico. Sim, verdadeira torrente desaba sobre a terra ressequida. A chuva miúda, cantante, a chuva contínua e promissora não veio. Veio uma chuva forte, destruidora.

Os rios, que se haviam transformado em estradas, retomam seu curso e começam a subir. Alagam-se as margens. Começam as inundações. Represas transbordam. Destruição. Cidades evacuadas. Famílias ao relento. O povo habituado a um sol inclemente, foge do que constantemente pede — chuva.

Longe de suas terras, sem suas casas, este povo precisa continuar a viver, e lembramos das palavras de Saint Exupéry: —

"Todos os indivíduos são responsáveis uns pelos outros e pelos laços de parentesco divino que unem os homens entre si". e perguntamos: — Que poderemos fazer por estes nossos irmãos que tanto precisam do nosso amor, da nossa compreensão e da nossa ajuda?

mangueira.

ATENÇÃO, LEITORES

Assinatura anual de
A PAINEIRA — Cr\$ 60,00

Música como arte e como vivência

Estamos criando, em nossos dias, o homem que não sabe sentir. O homem insensível aos apêlos da natureza. O homem infeliz que desconhece as razões e porquês do mal que o tortura. Culpar o progresso científico? Talvez, mas não creio que o inanimado possa nos dominar tanto assim, a ponto de escravizar o senhor que o criou. O mal é próprio da natureza humana. E' um mal característico. Sempre que encontramos algo que nos facilita a ação, quase que automaticamente, reagimos de maneira errônea e acabamos nos tornando indivíduos passivos, onde os impulsos externos não encontram ressonância alguma.

Temos cinco sentidos. Cinco sentidos usados rudemente. Cinco sentidos que não conhecemos absolutamente. Cinco sentidos usados como qualquer irracional o faz também.

Como o tema é sobre música, nos resta a audição. Haverá sentido mais desconhecido do que este? Naturalmente, percebemos o necessário para agirmos frente aos problemas que a êle tocam, mas, mesmo assim, seu campo de é por demais restrito.

Não pensem que para um indivíduo apreciar a música seja necessário apenas ouvir. Não, não quis afirmar isto. Ouvir é indispensável, mas sentir êstes apêlos na alma é muito mais que indispensável: é uma condição sine qua non (perdoem-me o latinismo pouco musical).

Voltemos à audição. Se perguntarmos a um grupo qualquer se gosta de música, a maior parte responderá afirmativamente e até poderá citar seus compositores preferidos: um gosta de Chopin, outro de Beethoven, mais outro de Zêquinha de Abreu, compositor conhecidíssimo para aquêles que apreciam o gênero popularesco. Mas, não é tudo: é quasi nada. Se ouvirmos algo dêstes compositores teremos expressões um tanto artificiais: foram temas que

brotaram de suas almas e êles serviram-se de técnicas apropriadas para que pudessem transmiti-los ao mundo.

O principal é sentir, mas saber sentir os apêlos de temas puros que brotam simplesmente da natureza que nos rodeia. E' saber sentir a grandeza de uma usina gigantesca, onde a máquina na sua rudeza produz a sinfonia dos mancais de aço. E' saber sentir a beleza das águas que caem em turbilhão pelas cascatas. E' saber sentir o clamor das massas humanas em seu azáfama pela vida diária. E' saber sentir esta massa orquestral de sirenes soando, dos jornaleiros gritando o último acontecimento internacional, dos lotações em corrida vertiginosa pelas ruas e também é necessário saber sentir o sentimental e triste cair das fôlhas no outono, quando o vento impiedoso corta os céus vergastando as árvores. Isto tudo é um poema gigantesco, soberbo. Isto é Música.

Se você souber sentir tudo isto, você será um artista, você conhecerá a natureza íntima da música e da arte... pois Música é tudo isto.

Transcrito.

*Colega, êste espaço
foi reservado para a sua
colaboração.*

A PAINEIRA.

Aparência

Que gente boa é essa
que passa pela rua
todo o dia!

Que gente apressada essa
que corre na calçada
em tarde fria!

— Que se vê na face
dessa gente tôda
que caminha agora?

— Que se vê nos gestos
de quem anda ansioso
pela rua afora?!

Aquêles sorri e responde
do outro o cumprimento
amigo.

Outro, com um gesto rápido
alerta alguém de algum
perigo...

Olhos grandes, de nariz grudado
em vitrines luminosas,
muita criança
fita coisas lindas
com a alma tonta
de loucas esperanças...

U'a mulher parando, des-
preocupada.

com outra faz
comentários.

Um homem, de mãos nos bolsos
comenta seus afazeres diários...

Que gente triste é essa
que passa pela rua todo o dia...
Que gente infeliz essa
que corre na calçada,
em tarde fria...

ATENÇÃO

A PAINEIRA avisa que
sua próxima edição sairá
após a Semana Santa.

O QUE MUITOS PENSAM

é na pauta
notamos, em
e o professor Ivan, saindo para a luz com
rumores de
por aqui, mas parece que chegou a fim de
curiosas, múcio.
uma atitu
a caloura, entretanto, continua na pauta da
O bonde tem,
melhor, apenas... bem, meio "u. h."
entre pal
assunto por aqui.
em vãos de
"bossa nova" — "rodar até b. h. em u. e. e."
fina-flor.
aulas e mais
apresentou

A
S
N
I
N
G
U
É
M
D
I
N

do que se pede, que nossa coluna continua.
tons mesclas, muita gente virando noticia
certa calourinha leptóptera.
um noivado surgiram em lusco-fusco,
babados antes da fase precisa. estamos
de bastante "deixa eu ir" a do caio do s3.
observância.
na tangente do preciso, andado bem
mas e requebros, ratto continua sendo
pardal, nossa presidenta anda muito
aulas, provas e mais provas e, tudo na
já já.

Um Futuro Tornado Presente

Brasília não é mais um sonho, o lindo sonho de um Presidente, que não mediu esforços nem sacrifícios para torná-lo uma realidade.

Brasília é uma realidade. Talvez a mais fantástica, a mais sonhada e a mais discutida de tôdas as realidades.

Seu plano, quando tornado público, recebeu as mais variadas críticas. Os adversários procuravam provar a sua inviabilidade e os cétricos afirmavam ser mais um plano de um país do futuro, futuro este inatingível. Havia, porém os que previam uma execução perfeita, dentro do tempo pré-determinado.

E as obras começaram. A marcha para leste repete-se. Agora, não com o fim de encontrar pedras preciosas, não de trazer riquezas para o litoral, como fizeram os nossos bandeirantes. Não mais u'a marcha lenta, derrubando mato, em que o facão e a foice abriam o caminho.

As botas, o facão e a foice dos nossos primeiros desbravadores foram substituídos pe-

lo avião, pelos potentes tratores, pelas gigantescas máquinas que nos trouxeram estes séculos de progresso.

Aplana-se a terra. Traça-se o eixo monumental e Brasília começa a aparecer.

Os adversários e os cétricos retiram suas afirmativas e os entusiastas apoiadores cedem também às evidências dos fatos, pois a inauguração se aproxima, e muita coisa está faltando para as exigências dos seus futuros ocupantes.

Este fato, porém não desmerece o valor da obra. Obra de mérito e de coragem.

Brasília é uma loucura. U'a maravilhosa loucura, que tomou de assalto todos os brasileiros, tôdas as camadas sociais.

Partidários ou não. Adversários ou aliados numa coisa estão unânimes — Brasília é uma obra monumental. É algo de que podemos nos orgulhar perante o mundo inteiro. E esquecendo a crise que atravessamos, esquecendo as lutas que em torno dela se travam, todos os brasileiros se unem para cumprimentar a Princesa Brasileira — filha mais nova de um País Gigante.

Mangueira.

JOVEM GUARDA

EM BOSSA NOVA

Foi a última quizenza, de blackout para nossa sociedade, que permaneceu naquêlê diapasão em completo eclipse.

Notas esportivas, pingadas aqui e ali, surgiram, entretanto, pungentes.

No conveniente merecido, vimos o campeonato de basquete ser arrebatoado pelo S3, com vibrações múltiplas da torcida.

Apenas motivos culturais têm reunido, na base do necessário, o grupo da U.R.E.M.G.

Deu a nota realmente o Fagundes, com "Três Marias". A assembléia, em vibrações periódicas, foi empolgada.

Grandes esperanças no Baile dos Calouros. Boa pedida em perspectiva.

Que a fase de festas se inaugure, como é de se esperar. E agora é só silêncio, porque hoje há lua cheia.